



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 2, maio-ago. 2021

#LULALIVRE E #LULANACADEIA: MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA, IDENTIFICAÇÃO E SILENCIAMENTO NO TWITTER



#LULALIVRE AND #LULANACADEIA: MOVEMENTS OF RESISTANCE, IDENTIFICATION, AND SILENCING ON TWITTER

Raíne Mirela Santos ALBUQUERQUE
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 22/12/2020 • APROVADO EM 27/05/2021
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i2.3003>

Resumo

Esta pesquisa busca analisar o funcionamento dos movimentos de resistência, (des)identificação e silenciamento no discurso político nas *hashtags* #LulaLivre e #LulaNaCadeia. Para isso, utilizamos recortes da rede social *Twitter*, os quais se inscrevem em distintas posições ideológicas dentro da sociedade. Buscamos, para além de observar como se deu a construção de sentido desses dizeres, analisar suas (re)atualizações durante o período de condenação do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Sob a orientação da Análise do Discurso de filiação pecheuxtiana, utilizamos conceitos presentes em Pêcheux ([1982a] 1990; 1995; [1971] 1998; [1982b] 2010; [1984] 2013); Grigoletto (2017), Orlandi (1999; 2005; 2007), entre outros. Com a pesquisa, observamos que há um movimento de resistência que pede pela liberdade do ex-presidente Lula e uma tentativa de silenciamento imposto pela classe dominante, a qual busca apagar sentidos indesejáveis no contexto do julgamento da figura política.

Abstract

This research aims to analyze the movements of resistance, identification, and silencing on the political discourse found in the hashtags #LulaLivre and #LulaNaCadeia. Thus, we utilized examples from the social network Twitter which fit distinct ideological positions found in our society. Besides observing how meaning is constructed in these enunciations, we analyzed how the meanings changed during the former president Luiz Inácio Lula da Silva's time of conviction. Oriented by Pêcheux's Discourse Analysis, we utilized concepts presented by the works of Pêcheux ([1982a] 1990; 1995; [1971] 1998; [1982b] 2010; [1984] 2013); Grigoletto (2017), Orlandi (1999; 2005; 2007), and others. As a result, we found that there is a movement of resistance which requests the freeing of the former president Lula, and also an attempt of silencing enforced by the dominant class, which aims to erase meanings that are undesirable in the social context of the political figure's trial.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Hashtags. Discurso. Lula Livre. Lula na Cadeia.

Keywords: Hashtags. Discourse. Free Lula. Lula in Jail.

Texto integral

A resistência irrompe no dizer

No ano de 2015, houve uma série de protestos contra o governo Dilma Rousseff, os quais visavam ao fim da corrupção e ao *impeachment* da então presidenta, bem como à defesa da Operação Lava Jato. Durante tais eventos, os manifestantes igualmente pediam a prisão do ex-presidente Lula. As manifestações aconteceram durante os meses de março, abril, agosto e dezembro de 2015. É nesse período de instabilidade política, em que se pedia o *impeachment* da presidenta Dilma e a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que surge, nas redes sociais, a *hashtag* #LulaNaCadeia. Ressalta-se que as incidências da *tag* datam do início de 2015 até os dias atuais, sendo retomadas e ressignificadas ao longo de quatro anos.

Cabe ressaltar, ainda, que em 2016 Lula começou a ser investigado pela Operação Lava Jato, sendo convocado a depor, coercitivamente, sobre o caso do sítio de Atibaia e do triplex no Guarujá. A partir desse evento, especificamente, diversos internautas se manifestaram em favor do ex-presidente, fazendo emergir, assim, a *hashtag* #LulaLivre, a qual se inicia nos primeiros meses de 2016, mas ganha destaque apenas em fevereiro de 2018, após o pedido de *habeas corpus* preventivo para Lula, dada sua condenação. Em março do mesmo ano, a *tag* #LulaLivre ganha maior destaque quando o Partido dos Trabalhadores (PT) convoca seus militantes a fomentar um “tuitaço”¹ com o enunciado. Dessa forma, “Lula Livre” tornou-se um

¹ Publicações em massa de determinada *hashtag* a fim de que esta seja um dos assuntos mais comentados da rede social *Twitter*.

dos *Trending Topics* (Assuntos do Momento, em português) ² no Brasil, principalmente no dia da votação do *habeas corpus*, como apontam os dados coletados diretamente do Twitter pela DAPP/FGV (Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas)³. A *tag* ganhou ainda mais força tanto após sua abrangência mundial, quanto após as condenações de Lula em 2018 e 2019. Tais fatos deram início também ao “Movimento Lula Livre”, o qual tem por diretriz defender a falta de evidências dos crimes pelos quais o ex-presidente foi condenado, bem como o caráter político de sua prisão.

É importante destacar, igualmente, que antes, em fevereiro de 2018, logo após o pedido de *habeas corpus* preventivo para Lula, os internautas se dividiram entre as duas *hashtags* – como pudemos perceber ao procurar os *tweets* do mês referido na ferramenta de busca avançada da rede social. Ambas as *tags*, portanto, entraram em efervescência no *Twitter* desde então. Para analisarmos esse assunto, lançaremos mão da noção de Formação Discursiva, a qual, segundo Pêcheux (1995, p. 160), está inserida em uma Formação Ideológica – aquela que comporta “posições de classe” – e “determina o que pode e deve ser dito”.

Pensando nisso, e voltando para a discussão na rede social, defende-se, na formação discursiva (FD Doravante) *pró-condenação*, que Lula deve ser preso por ser corrupto; já na FD *pró-Lula*, defende-se a sua inocência por falta de provas, além da possibilidade de um golpe à democracia brasileira. Entendemos, desse modo, que os dois enunciados passam a funcionar de forma antagônica, uma vez que se filiam a ideologias também antagônicas. É nesse ponto que o enunciado *#LulaLivre* funciona como um movimento de resistência para responder *#LulaNaCadeia*, ao passo que este último produz um efeito de silenciamento sobre o movimento que pede a liberdade da figura política. Esse último gesto, segundo Orlandi (2007, p. 73), correspondente à política do silêncio, define-se “pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada”.

Percebemos, ainda, que no interior dessas formações discursivas antagônicas, duas imagens são produzidas em um confronto do simbólico com o político: a de um (ex-)agente de governo que representa a minoria social, ou seja, a classe dominada; e a de um político ladrão e corrupto, imagem esta que ressoa no interior da FD da classe dominante.

Além disso, no funcionamento da FD *pró-condenação*, a *hashtag* *#LulaLivre*, em fevereiro de 2019, segundo nossa observação do *corpus*, pareceu ser ressignificada, tendo sua direção de sentido modificada. Isso porque, logo após o ex-presidente ser mais uma vez condenado, a *tag* *#LulaLivre2043*, fazendo alusão aos 24 anos de prisão sentenciados ao petista, entrou na lista dos mais citados do *Twitter*, segundo os *Trending Topics* da própria rede social. Desse modo, entendemos tal fato como uma forma de silenciamento da *hashtag* *#LulaLivre*.

Com base nesse panorama e para amparar esta análise, focaremos nossa base teórica na Análise do Discurso de filiação pecheuxtiana (AD). Nesse sentido,

² *Trending Topics*, ou Assuntos do Momento, em português, são os temas mais comentados no instante em que o site é aberto pelo internauta (cf. a seção (Des)Identificação, Silenciamento e Resistência no Twitter).

³ Os resultados da pesquisa encontram-se disponíveis no site da DAPP/FGV (cf. Referências) e contam com dados coletados no Twitter pela Diretoria durante março e abril de 2018.

consideramos relevante, ao tomar o discurso como objeto de análise, “a relação entre o simbólico e o político”, destacada por Pêcheux (*apud* ORLANDI, 2005, p. 10), a qual torna imprescindível a investigação acerca dos movimentos de resistência, identificação e silenciamento. Estas, por sua vez, emergem sob o fio do discurso quando os distintos sujeitos enunciam #LulaLivre ou #LulaNaCadeia. É sob esse pretexto que tal pesquisa assume como problemática central o apagamento de enunciados de resistência por meio de enunciados antagônicos.

Em Pêcheux, mobilizaremos as noções de sujeito, ideologia e história com a finalidade de que se torne possível a compreensão e a percepção de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é atravessado pelo inconsciente, sendo estes conceitos-chave cruciais para o entendimento da teoria aqui abordada. Dessa forma, é necessário pontuar que a AD é, para Orlandi (2007, p. 173),

[...] aquela que não explica, nem serve para tornar inteligível ou interpretar o sentido, mas que nos leva a melhor compreender os processos de significação, o modo de funcionamento de qualquer exemplar de linguagem para significar. Com efeito, a relação que a análise do discurso estabelece com o texto não é para dele extrair um sentido mas sim para problematizar essa relação, ou seja, para tornar visível sua historicidade e observar a relação de sentidos que aí se estabelece, em função do efeito de unidade.

Entende-se, portanto, que sujeito e história estão intrinsecamente relacionados no seio da AD, e sua relação produz o(s) sentido(s), sendo a ideologia a condição para que isso ocorra. Orlandi (1999, p. 48), acerca dessa questão, afirma que “[...] a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido”. É nesse exato ponto que se considera o sujeito e o seu assujeitamento, pois “é também a ideologia que faz com que haja sujeitos” (ORLANDI, 1999, p. 48). Contudo, não se propõe, aqui, um sujeito que tudo aceita ou que a tudo se submete, como mera marionete social. Muito pelo contrário, o assujeitamento “é da ordem do político e do simbólico e, portanto, da resistência” (DE NARDI; NASCIMENTO, 2016, p. 88). Tal afirmativa se justifica uma vez que o sujeito, ao se filiar a determinada formação discursiva para ter um sentido X (e não Y), não se filia a outra, em um movimento de resistência. As formações discursivas, nesse sentido, são concebidas pela contradição, e a resistência eclode exatamente do seio das contradições, pois “não há ritual sem falha, falta e rachadura [...]” (PÊCHEUX, 2013, p. 15).

Twitter e *hashtags*: grande arquivo, hegemonia e revolta

Sabemos que, hoje, o Twitter constitui uma das redes sociais mais utilizadas no mundo e que, nos últimos anos, há uma efervescência de questões políticas, levantadas por meio das *hashtags*. Estas, por sua vez, podem ser definidas como pequenas etiquetas que separam os assuntos no grande arquivo que compõe a rede social.

Para melhor entendimento, partiremos de uma noção mais ampla, mobilizada por Pêcheux ([1982b] 2010, p. 51), a qual admite o arquivo como o “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Contudo, não

podemos esquecer – vivemos na era da Web 2.0, na qual há uma gigantesca interatividade entre os internautas por meio de blogs (como o Twitter, por exemplo) e de outros sites, assim, há milhares de *posts*, mensagens, tuítes, entre outros. Destarte, e sob um olhar mais profundo, é de extrema importância “pensar em como a internet, ao mesmo tempo em que funciona como um Grande Arquivo, depositária de milhões de informações [...], também controla/vigia os trajetos de sentidos da leitura desse arquivo” (GRIGOLETTO, 2017, p. 146). Isso porque sempre haverá a tentativa de hegemonizar, de cristalizar, os sentidos dominantes – eis uma das grandes contradições de nossa sociedade –, uma vez que, em nossa formação social, estão presentes as relações de poder, e, entre os dois extremos dessas relações, há uma grande fenda, rasgada pela desigualdade social.

É nesse mesmo abismo social que a classe dominante encontra espaço para apresentar seu mundo como uma espécie de País das Fadas⁴, conduzindo, como bem pontua Pêcheux (2013, p. 15) “sua própria luta ideológica de classe ao grau máximo”. Isto é, ao buscar dominar ideologicamente as classes dominadas, sob o pretexto de um mundo único e igualitário, a classe dominante cria raízes profundas de desigualdade para continuar no poder. Entretanto, como já dito anteriormente, jamais haverá praxe destituída de falhas e é neste ponto que irrompe a “origem imaginária da resistência e da revolta” (PÊCHEUX, 2013, p. 15).

Para retratar melhor essas questões tão teóricas, propomos aqui uma análise acerca das *hashtags* #LulaNaCadeia e #LulaLivre, ambos discursivizados no Twitter. Trabalharemos, portanto, com o discurso político nas redes sociais. Contudo, vale ressaltar que, apesar de o objetivo desta pesquisa ser o de analisar o discurso político, respeitando um caminho cronológico, nosso percurso analítico iniciará com um recorte um pouco mais recente, encontrado no próprio Twitter, o qual carrega os dizeres de uma figura religiosa. Passemos ao próximo item.

(Des)identificação, silenciamento e resistência no Twitter

Nesta seção, analisaremos a materialidade em que aparecem as *hashtags* as quais deram luz a esta pesquisa. Elas foram aqui registradas de forma cronológica – muito embora a ferramenta de pesquisa do próprio Twitter precise ser configurada para que os *tweets* apareçam por data –, e têm importância pelo fato de que o referido período representa um momento histórico de grande relevância para nosso país. Ademais, é necessário destacar que as *hashtags* em evidência foram selecionadas, pois, por diversas vezes, entraram nos *Trending Topics* (TTs), os quais nada mais são do que os temas mais comentados no instante em que o site está sendo acessado. O próprio Twitter (2021) informa que os TTs

[...] são determinados por um algoritmo e, por padrão, são personalizados com base em quem você segue, em seus interesses e em sua localização. Esse algoritmo identifica os tópicos populares da atualidade, em vez de tópicos que já foram populares por algum tempo ou diariamente.

⁴ O País das Fadas, em *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley, é um local etéreo, onde os visitantes que ali chegam perdem as noções de tempo e espaço e parecem estar alienados do resto do mundo.

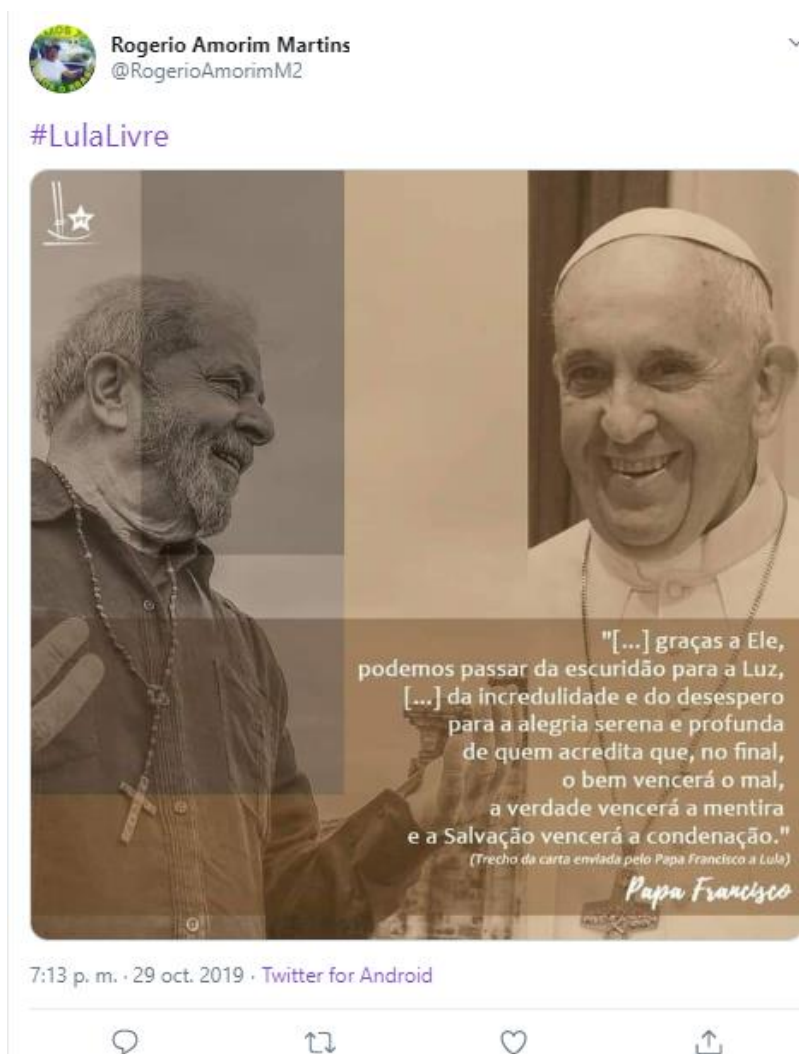
Pensando nesse horizonte de ideias, e no caráter eterno da ideologia e do inconsciente, analisamos a repetibilidade desses enunciados, sempre buscando os sentidos mobilizados pelos sujeitos por meio de seus discursos. Isso porque é pelo/no discurso que se constituem os espaços de resistência, e é através do discurso que movimentos de identificação, desidentificação e contra-identificação serão organizados e reorganizados (PÊCHEUX, 1995).

Sob esse prisma de ideias, é possível relembrar que o sujeito, ainda segundo Pêcheux (1995, p. 133), tem a ilusão de autonomia constitutiva de si mesmo. Sendo assim, funcionará a partir de sua relação de identificação com a formação discursiva, a qual, como já se sabe, “determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995, p. 160) sob determinadas condições sócio-históricas e ideológicas. Tal relação ocorre através da forma-sujeito. Esta, por sua vez, ainda segundo Pêcheux, abarca as três modalidades de identificação, anteriormente mencionadas, as quais, vale ressaltar, funcionam da seguinte forma:

- I. **Identificação:** ocorre quando há uma identificação entre sujeito enunciador e sujeito universal (“bom sujeito”);
- II. **Contra-identificação:** é percebida quando o sujeito enunciador, por meio de uma tomada de posição, se contrapõe à forma-sujeito com que se identifica. Isto é, ocorre um distanciamento, um questionamento, uma dúvida;
- III. **Desidentificação:** nessa modalidade, não há um “desassujeitamento”, uma vez que não existe fim da ideologia, mas uma ruptura com a FD dominante.

Trazendo para o contexto do Twitter, é válido apontar que esse microblog nada mais é do que um espaço no qual os sujeitos ocupam a posição de usuários, criando seus próprios perfis, com base em construções identitárias. Por essa razão é que “um sujeito usuário, ao assumir uma identidade através de um perfil, apropriase de um lugar de dizer, construindo também um lugar discursivo” (OLIVEIRA, 2017, p. 48). Sendo assim, as relações de (des)identificação materializam-se também na rede, como poderemos observar nas sequências discursivas (SDs) dispostas a seguir.

SD-1 (29/10/19):



Fonte: <https://twitter.com/RogerioAmorimM2/status/1189304310372470785>.

Como podemos notar, o *tweet* traz a hashtag #LulaLivre associada a um trecho da carta do Papa Francisco para Lula. Ao nos atermos aos dizeres da figura religiosa, torna-se perceptível a relação de identificação tanto de Francisco quanto do sujeito usuário – que retuita os dizeres do papa – com uma FD pró-Lula. Sendo assim, faz-se necessária uma análise mais profunda da imagem publicada.

Em um primeiro gesto, temos os dizeres do Papa, esperançosos, os quais se inscrevem em um discurso religioso: “[...] graças a Ele, podemos passar da escuridão para a Luz, [...] da incredulidade e do desespero para a alegria serena e profunda”. Nessa passagem, o discurso religioso é marcado na utilização do pronome pessoal com inicial maiúscula, o qual faz alusão ao Deus cristão.

Também notaremos as fotografias as quais trazem Papa Francisco – com seus trajes papais, símbolos do catolicismo – e Lula, adornado por um terço – outro símbolo da cultura cristã –, de braços abertos, refletindo o gesto cristão de rendição às palavras de Deus, cujo porta-voz é o papa. Nesse ponto, temos uma forte pista de que Lula e o Papa Francisco inscrevem-se em uma mesma formação discursiva. Ainda é pertinente observar que, apesar de o ex-presidente do Brasil parecer ter

menos estatura que o religioso, as duas imagens estão muito bem alinhadas – basta conferir as golas das vestes dos dois, bem como seus ombros.

É interessante perceber que as cores das imagens também enunciam, dando uma ideia de enlace: a fotografia de Lula está em preto e branco, e a de Francisco está em sépia; entretanto, em algumas partes, as cores se sobrepõem. O peito da figura política – onde descansa o rosário –, bem como seus braços, recebem uma sobreposição da cor sépia advinda da imagem do Papa. É como se o Santo Padre, líder da Igreja Católica Apostólica Romana, trouxesse, a Lula, a palavra da salvação, que partiria de Deus: “[...] a Salvação vencerá a condenação”.

Ainda nesse último trecho, pode-se notar um jogo de palavras entre “Salvação” e “condenação”: ao passo em que uma se encontra grafada em inicial maiúscula, a outra é iniciada por minúscula. Trata-se “de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomado no lance indefinido das interpretações” (PÊCHEUX, [1971], 1998, p. 25), uma vez que “Salvação” diz respeito à salvação cristã – operada por Deus – ao mesmo tempo que significa a salvação da cadeia, da “condenação” injusta. Tal significação é possível somente ao pensarmos que “as palavras, na perspectiva da análise de discurso, já são sempre discursos na sua relação com os sentidos. Isso quer dizer que “toda palavra, para significar, tira seu sentido de formulações que se sedimentam historicamente” (ORLANDI, 2007, p. 174).

SD-2 (08/10/15):



Fonte: https://twitter.com/Fusca_Brasil/status/652118251896459265.

Nesta SD, observamos a resposta de um sujeito, inscrito em uma FD pró-*impeachment*, a um usuário do *Twitter*: “Sumi não, tô cobrando o tardio #*impeachmentDilma* e #*LulaNaCadeia* já!”. Entendemos que esses dizeres indicam

que o enunciador está cobrando tanto o *impeachment* de Dilma, o qual, para ele, já “vem tardiamente”, quanto a prisão de Lula. Essa é uma das pistas linguísticas que indicam a relação existente entre o impeachment de Dilma e a prisão de Lula.

Associado a isto, percebemos uma imagem a qual traz, em primeiro plano, uma caricatura do ex-presidente e da então presidenta. Na imagem, além de estar em menor proporção, Dilma, a qual ganha cabelos em forma de chama, é simbolicamente diminuída a um simples “Fantoche de Lula”, como a legenda indica. Ao lado, o ex-presidente, com chifres, indaga “Querem Guerra?”. Em ambas as figuras, a presença do simbólico é marcante: em Dilma, sua condição de mulher e presidenta é ferida; além disso, a deformação de seu rosto e as chamas em seus cabelos aproximam sua imagem à de um demônio; em Lula, há chifres e uma ameaça de guerra, o que pode simbolizar, em uma FD cristã, um tormento, algo ruim, que, dada a condição sócio-histórica, seria o período de instabilidade política do país.

SD-3 (06/03/18):



Fonte: <https://twitter.com/delucca/status/971048530608578561>.

Este enunciado é datado de 6 de março de 2018, dia em que foi negado o *habeas corpus* preventivo de Lula pelo STJ. Há aqui um sujeito, inscrito numa FD pró-Lula, o qual enuncia que a condenação do ex-presidente é parte de um golpe que pretende afastar Lula das eleições presidenciais e, conseqüentemente, das instâncias de poder. Essa mobilização de sentidos aponta para a inocência de Lula, a qual é retomada pela presença da *hashtag* #LulaLivre. Para afirmar tal inocência, o sujeito utiliza-se de uma imagem bastante conhecida, o *Powerpoint* apresentado em uma coletiva de imprensa pelo coordenador da força-tarefa da Lava Jato, Deltan Dallagnol. Esta imagem, originalmente, aparecia com o nome de Lula no centro, com diversos círculos ao seu redor, nos quais havia palavras como “mensalão” e

“perpetuação criminosa no poder”. Esses dizeres apontam para uma FD pró-condenação, ou seja, circulavam antes em uma FD antagônica à de #LulaLivre. Contudo, como pontua Orlandi (2007, p. 88), “é recorrendo ao já dito que o sujeito ressignifica. E se significa”. Sendo assim, na imagem do *tweet*, há uma retomada e uma ressignificação do enunciado do *Powerpoint* de Dallagnol no momento em que o sujeito usuário aponta para os feitos de Lula enquanto presidente da república. Esses feitos, por sua vez, remetem à imagem de um presidente que representa a minoria social, que favorece a classe dominada e a empodera com programas sociais de inclusão. É possível pontuar, portanto, que há um movimento de resistência tanto à condenação injusta e sem provas, quanto aos dizeres de Dallagnol, enunciados outrora; nessa perspectiva, “as ideologias dominadas se formam sob a dominação ideológica e contra elas, e não em um ‘outro mundo’, anterior, exterior ou independente” (PÊCHEUX, [1982a] 1990, p. 16). Desse modo, a resistência surge à sombra do discurso dominante, no interior deste.

SD-4 (06/11/18):



Fonte: <https://twitter.com/apaularaujo/status/1059837520157032448>.

Em SD-4, é evidente que o sujeito se inscreve em uma FD pró-condenação. Entretanto, notamos que existe uma filiação à FD pró-ditadura, uma vez que a usuária marca os perfis das Forças Armadas do Brasil, do Exército do Brasil, da Marinha do Brasil, da Força Aérea Brasileira, do presidente Jair Bolsonaro e de seu vice, os quais funcionam como os sujeitos para quem se enuncia. Nesse sentido, e pensando nas relações de força e poder existentes em nossa sociedade, são convocados, nesse *tweet*, os aparelhos repressores de estado (ALTHUSSER, 1996, p. 111), para que estes intervenham diretamente como força repressora suplementar, já que há “corruPTos” na “2ª Turma do STF”. Assim, a fala e a ação das forças militares valem mais do que as do Supremo Tribunal Federal.

É a partir desse fato que o discurso da internauta aponta para uma forma de silenciamento de #LulaLivre, uma vez que #LulaNaCadeia foi enunciado durante o julgamento de *habeas corpus* de Lula, momento em que os internautas pró-Lula publicavam em favor do ex-presidente. Além disso, cabe ressaltar que, em

“ministros corruPTos”, há uma ênfase nas consoantes “PT”. Nesse ponto, o destaque produz um efeito de sentido que nos traz à memória o Partido dos Trabalhadores. Desse modo, há uma mobilização de sentidos que aponta para a existência de ministros os quais, por terem sido “corrompidos” – daí o “corruPTos” – votariam a favor do *habeas corpus* de Lula.

SD-5 (06/02/2019):



Fonte: <https://twitter.com/JQTEIXEIRA/status/1093611091979063296>.

Nesta sequência, há uma outra *hashtag*, #LulaLivre2043, que surge após a condenação do ex-presidente no dia 6 de fevereiro de 2019. Ao enunciar que o ex-presidente tirou milhões de pessoas da pobreza, o sujeito retoma um sentido que circula na FD de #LulaLivre. Entretanto, ao final do *tweet*, após as reticências, esse sujeito inverte a direção de sentidos, produzindo uma ruptura e uma quebra de expectativa do sentido original para, logo depois, ressignificá-lo em outra FD. Há, neste último trecho, portanto, um efeito de sentido de ironia.

Assim, entendemos que #LulaLivre2043 não apenas retoma a *tag* #LulaLivre, mas a ressignifica e a silencia, pois visa ao apagamento dos sentidos possíveis a essa segunda *tag*. Ou seja, há a “imposição de uma divisão entre sentidos permitidos e sentidos proibidos” (ORLANDI, 2007, p. 93); ao passo que #LulaLivre2043 é um dizer permitido, #LulaLivre é proibido. Ao mesmo tempo, o sujeito parafraseia #LulaNaCadeia, ressoando em uma FD pró-condenação. Isso porque, quando se lança o olhar sobre as condições de produção do enunciado, podemos ver que este foi produzido logo após Lula ter sido condenado, novamente, a mais doze anos de prisão.

SD-6 (07/02/19):



Fonte: <https://twitter.com/Francis87485745/status/1093489080875274241>.

Há, nesta SD, uma retomada do filme “O Silêncio dos Inocentes”, em que acompanhamos Clarice Starling, uma agente do FBI que tenta se beneficiar com a ajuda de Hannibal Lecter, um assassino em série, mas acaba sendo manipulada por ele e, então, abre mão de denunciar o plano de fuga do criminoso. Na capa do filme, vê-se o rosto da agente e uma mariposa, com uma caveira no dorso, cobrindo sua boca; gesto que significa a manipulação de Hannibal sobre ela.

Na publicação, o rosto do juiz Sérgio Moro aparece no lugar da agente Starling, criando um efeito de sentido de comparação entre os dois. Assim como Clarice, Moro é um oficial da lei que se silencia para não acusar um criminoso, o qual, na imagem, parece ser Bolsonaro. Dessa forma, produz-se ainda um efeito de sentido em que se atribui a Bolsonaro o papel de manipulador do juiz.

Destaca-se, ainda, o termo “silêncio”. Enquanto no filme o silêncio é “dos inocentes”, na SD, nega-se a inocência de Moro – “o silêncio sem inocentes” –, afirmação esta que é retomada ao se enunciar que Moro tem um “posicionamento seletivo” em relação aos crimes da família Bolsonaro. A este posicionamento seletivo, está relacionada a legenda da publicação: “#LutarPorLulaLivre perseguição política #LulaLivre #LulaPresoPolítico #Lulalivrejá”, a qual retoma o discurso de que a prisão de Lula é parte de um esquema de golpe à democracia e que o ex-presidente é inocente.

Considerações finais

Nesta pesquisa, analisamos os enunciados #LulaLivre e #LulaNaCadeia e suas (re)atualizações, enfocando o funcionamento dos movimentos de (des)identificação, resistência e silenciamento no discurso político. Com a análise do *corpus*, fez-se perceptível que #LulaLivre e #LulaNaCadeia são enunciados que se inscrevem em diferentes formações discursivas e, dessa forma, funcionam de maneira antagônica. Contudo, #LulaLivre é uma forma de resistência – tanto à

prisão de Lula quanto à imposição que #LulaNaCadeia representa –, pois os sujeitos que se identificam com essa *tag* aventuram-se a tomar a palavra, resistindo ao discurso dominante.

Percebemos, igualmente, uma espécie de apropriação ressignificativa na *tag* #LulaLivre – que se transforma em #LulaLivre2043. Esse processo se caracteriza pela apropriação da formulação que circula na FD pró-Lula e pela produção de uma ruptura com relação ao sentido original. Nesse sentido, a FD pró-condenação, ao se apropriar da *tag* #LulaLivre, atualizando seu sentido, impõe o que é permitido e o que é proibido; tal gesto é possível à medida que a classe dominante busca apagar sentidos indesejáveis à manutenção de seu *status quo*. Entretanto, a resistência eclode da contradição, no seio da própria ideologia dominante, e volta-se contra a dominação ideológica.

Referências

DE NARDI, Fabiele Stockmans; NASCIMENTO, Felipe Augusto Santana do. A propósito das noções de resistência e tomada de posição na análise de discurso: movimentos de resistência nos processos de identificação com o ser paraguaio. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, PPGEL/UEL, n. XIX, v. 2, p. 80-103, dez. 2016.

GRIGOLETTO, Evandra. Entre a dispersão e o controle: ler os arquivos na internet hoje. In: FLORES, G. G. B. *Análise de discurso em rede: cultura e mídia – vol. 3*. Campinas: Pontes, 2017. p. 145-169.

Julgamento de habeas corpus de Lula gera 708 mil menções no Twitter em um dia, mostra DAPP Report. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/julgamento-de-habeas-corpus-de-lula-gera-708-mil-mencoes-no-twitter-em-um-dia-mostra-dapp-report/>. Acesso em: 13 maio 2021.

OLIVEIRA, Lucirley Alves de. *O funcionamento discursivo das hashtags pela/na TV*. 2017. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. *Revista Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, PPGLin/UESB, v. I, n. 1, p. 9-13, jan/jun 2005.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Caderno de Estudos Linguístico*, v. XIX, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, p. 07-24, jul/dez [1982a] 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Sobre a (des-)construção das Teorias Linguísticas. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, v. II, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, p. 7-32, [1971] 1998.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1982b] 2010. p. 49-59.

PÊCHEUX, Michel. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. *Décalages*. v. I, iss. 4, p. 1-22, [1984] 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/73345743.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

TWITTER. *Perguntas frequentes sobre assuntos do momento no Twitter*. 2021. Disponível em: <https://support.twitter.com/articles/268981>. Acesso em: 20 maio 2021.

Para citar este artigo

ALBUQUERQUE, Raíne Mirela Santos. #Lulalivre e #Lulanacadeia: movimentos de resistência, identificação e silenciamento no Twitter. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 10, n. 2, p. 459-472, maio-ago. 2021.

A autora

Raíne Mirela Santos Albuquerque - É graduanda em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é auxiliar pedagógica no Curso Fernanda Pessoa. Desenvolveu pesquisa na UFPE, fazendo parte do projeto "E hoje? #SomosTodosQuem? Movimentos de Identificação/Resistência", a partir da condição de Bolsista de Iniciação Científica BIC-FACEPE. Ademais, foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - Letras/Português UFPE, com o subprojeto "A Leitura de Linguagens Diversas". Possui experiência na área de Letras, sobretudo na área de Língua Portuguesa, tendo atuado nos seguintes temas: Língua Portuguesa, Linguística, Análise do Discurso pecheuxtiana e Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4014-5418>